

## A MELANCOLIA NAS POESIAS DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDIANA

### MELANCHOLY IN THE POETRY OF AUGUSTO DOS ANJOS IN THE LIGHT OF FREUDIAN PSYCHOANALYSIS

Ana Lúcia Oliveira Arantes<sup>1</sup>, Hellen Fonseca de Sousa da Costa Vale<sup>2</sup>

1 Aluna do Curso de Psicologia

2 Professora Doutora do Curso de Psicologia

---

#### RESUMO

**Introdução:** Este trabalho buscou evidenciar se há alguma relação entre a melancolia contida nos versos de Augusto dos Anjos e a melancolia proposta pelo pai da psicanálise. **Objetivos:** Identificar sofrimento psíquico por meio da análise de palavras e expressões, tanto no sentido denotativo quanto no conotativo, e seus reflexos subjetivos, através do olhar da psicanálise em três poesias de Augusto dos Anjos. **Métodos:** O método utilizado foi o método clínico da Psicanálise. No sentido denotativo, cotejamos a palavra e seus significados no dicionário; no sentido conotativo, tivemos como menor unidade de análise a frase. Utilizamos as seguintes poesias: O poeta do hediondo, Psicologia de um vencido e Solitário. **Resultados:** Diversas palavras e frases utilizadas pelo poeta denotam e conotam angústia, tristeza e sofrimento. A melancolia nas poesias está representada por introspecção, sentimentos ambíguos e autodestrutivos, solidão e perturbação. **Conclusão:** Constatamos que, as poesias nas quais o autor emprega palavras e expressões que deprimem e angustiam, é possível identificar sofrimento psíquico e estão relacionadas à melancolia. Contudo, ainda podemos perceber a importante função sublimatória que a poesia comporta. Também entendemos que a arte e a ciência se constituem de indispensáveis fontes para conhecer a pessoa em sua integralidade.

**Palavras-Chave:** Melancolia; Augusto dos Anjos; Freud.

#### ABSTRACT

**Introduction:** This work sought to highlight whether there is any relation between melancholy contained in Augusto dos Anjos' verses and the melancholy proposed by the father of psychoanalysis. **Objectives:** Analyzing words and expressions both denotative and connotative meanings, and its subjective reflexes, through the eyes of psychoanalysis, in three Augusto dos Anjos' poetries. **Methods:** The method used was the psychoanalysis clinical method. In the denotative meaning we analyze the word and its meanings in the dictionary and in the connotative meaning we had as the minor item of analysis the phrase. We selected the following poetries: "Poet of Hideous", "Psychology of a Loser" and "Lonely". **Results:** Several words and phrases used by the poet denote and connote distress, sadness and suffering. Melancholy in the poetries is presented by insight, ambiguous and self-destructive feelings, loneliness and disturbance. **Conclusion:** We have found that the poetries in which the author uses words and expressions evoking depressing and distress, it is possible to identify psychological suffering, related to melancholy, yet we still can realize the important sublimatory function that the poetries contain. We have also understood that art and science constitute indispensable sources for knowing a person in its integrity.

**Keywords:** melancholy; Augusto dos Anjos; Freud.

---

Contato: [ana.oliveira@sounidesc.com.br](mailto:ana.oliveira@sounidesc.com.br)

#### INTRODUÇÃO

Dentre as composições artísticas, a poesia mobiliza no ser humano reflexões, sentimentos e emoções. A poesia que leva seu leitor a indagar seus conteúdos estranhos, intrigantes e misteriosos, escondidos nas rimas ou na falta delas. Esta estrutura-se como

um tesouro a ser escavado na leitura de cada verso, que diverte, encanta, faz chorar, sorrir, pensar, viajar.

Dessa forma, sensível à subjetividade dos versos que despertam sentimentos diversos e provocam necessidade de conhecer, consideramos a melancolia expressa pelo poeta Augusto dos Anjos, relacionando-a à melancolia descrita pela psicanálise freudiana, mais especificamente, ao artigo “Luto e Melancolia”, que traz conceitos importantes sobre essa temática.

Tentaremos, através deste artigo, evidenciar o que há de comum entre a melancolia do poeta e a melancolia do teórico, destacando a harmonia entre a arte e a ciência. Augusto dos Anjos ficou conhecido como “poeta da morte” por expressar, em suas poesias, angústias e tristeza. Ele escreveu apenas um livro: “Eu” (1912), mas foi o suficiente para granjear seus leitores e o devido reconhecimento do seu notável saber acadêmico. Conforme Hermes Fontes (1994, p. 50), é necessário realizar a leitura da obra de Augusto dos Anjos várias vezes, pois: “A primeira estonteia, a segunda entusiasma, a terceira sensaciona, a quarta encanta e conduz, não raro, à lágrima e ao êxtase”. Logo, juntar a genialidade do poeta à uma teoria psicológica que possa sustentar essa genialidade é imprescindível.

Apesar do tempo em que foram escritas, tanto a teoria freudiana quanto a obra do poeta Augusto dos Anjos podem ser aplicadas e apreciadas à sociedade contemporânea, por retratar com maestria os sentimentos de angústia e tristeza experienciados pela humanidade.

Na atualidade, nos deparamos com artigos que falam desse estado melancólico, que se relaciona com as palavras e as expressões utilizadas nas poesias de dos Anjos. O autor expressa, de maneira subjetiva, em suas poesias um estado melancólico regado a morbidez e descontentamento, sempre descrevendo a existência humana por uma visão sombria, fúnebre. Autenticamente, a obra do poeta é manifesta por meio de um pessimismo e uma fala hiperbólica a respeito da mortalidade e da brevidade da vida.

Para Freud (1996) a melancolia distingue-se por três pré-condições características: a perda de um objeto de amor, a ambivalência intensa em relação ao objeto e a identificação regressiva com ele. A perda de um objeto de amor trata-se de consequências naturais da vida e das relações, visto que as perdas são inerentes ao ser humano desde o seu nascimento. Como por exemplo: a perda do seio materno, o primeiro objeto de amor, ocorrida na primeira infância devido ao processo de desmame, a perda

dos pais da infância quando a adolescência chega, ou até mesmo as perdas por morte concreta de entes queridos ou figuras importantes durante as fases da vida.

Sobre a segunda característica, ambivalência, trata-se de um termo usado na psicanálise para indicar sentimentos opostos e conflitantes em relação a uma pessoa ou objeto, como por exemplo, amor e ódio (Laplanche e Pontalis, 2001). Quanto à última característica, consiste no abandono ou à perda ao amor edípico, voltando a forma inicial de ligação ao objeto, usurpando para si as propriedades do objeto. Se o objeto perdido está na mesma série que os ideais é porque ele mesmo ocupou o lugar de suporte do Ideal do Eu para o sujeito (Quinet, 2006, p. 205).

No artigo "Luto e Melancolia", publicado em 1917, Freud investiga as diferenças entre o luto saudável e a melancolia, enfatiza que ambas são condições decorrentes da perda de um objeto de amor. Entretanto, no luto normal a pessoa consegue sobressair aos sentimentos experienciados pelo objeto perdido após um determinado tempo, e aos poucos vai retornando sua libido para outros objetos externos.

Já na melancolia, a pessoa não consegue libertar-se do objeto de amor e de forma ambivalente se fixa na psique do sujeito. Freud destaca relevantes características da melancolia: autoacusação e autocondenação. A pessoa melancólica carrega uma culpa totalmente distante da razão e a canaliza para o ego, que introjeta o objeto de amor que foi perdido. Se desvalorizar e se sentir indigno de dar ou receber amor também são peculiaridades do melancólico, assim como, perda de interesse pelas tarefas habituais e uma atenuação em sua energia vital e, também, a sensação de vazio e de angústia, que são consequentes da perda do amor-próprio (Freud, 1996).

A melancolia é uma condição bastante presente na atualidade, geralmente chamada de depressão, chegando aos consultórios dos analistas, psicólogos e psiquiatras como um sintoma do mal-estar na pós-modernidade (Mendes, 2014). A substituição do termo melancolia pelo termo depressão, se deveu a uma tendência na psiquiatria no final do século XIX e durante a sua consolidação no século XX (Moreira, 2002; Delouya, 2002).

Na psicanálise encontramos teorias sobre o aparelho psíquico e seu funcionamento mental em que são mencionadas as mesmas raízes para o conflito interior, a dor, o sonho e a superação de motivações provocadoras de angústia (Brenner, 1987).

Portanto, correlacionar a subjetiva melancolia do poeta à melancolia descrita na psicanálise de Sigmund Freud nos permitirá realizar "a interlocução entre a arte e a

ciência” e, em função disso, evidenciar para profissionais e acadêmicos das áreas da psicologia, algumas expressões e palavras utilizadas para descrever o sofrimento psíquico.

Introduzimos os conceitos primordiais sobre a temática estudada para cumprirmos o objetivo deste trabalho, através da verificação de palavras e expressões que remetem à melancolia, tanto no sentido conotativo quanto no sentido denotativo presente nos dicionários da língua portuguesa citadas em algumas poesias do poeta Augusto dos Anjos. Partindo do interesse mencionado, serão relacionadas e analisadas à luz da psicanálise freudiana, em busca da resposta à questão problema que inaugura este trabalho: É possível identificar sofrimento psíquico através das palavras e expressões ditas ou escritas na poesia de Augusto dos Anjos?

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Dentre as poesias da obra de Augusto dos Anjos, escolhemos três para análise, sendo elas: “O poeta hediondo”, “Psicologia de um vencido”, e “Solitário”. A metodologia de trabalho será o método clínico da psicanálise. Para análise no sentido denotativo, tomaremos como menor unidade a palavra. Quanto ao sentido conotativo e seus reflexos subjetivos, tomaremos a frase como menor unidade, cotejando cada unidade de significação no intuito de evidenciar a relação desses sentidos com a melancolia na psicanálise.

Para realização deste trabalho, utilizamos bases de dados como Google Acadêmico, Scielo e o artigo, Luto e Melancolia (Freud, 1917). Não consideramos critérios de inclusão, levando em consideração que tanto a obra de Augusto dos Anjos quanto a teoria de Freud são acessadas precisamente em diversos e atemporais artigos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1. Melancolia sob a ótica da filosofia clássica (Hipócrates e Aristóteles) e sua influência no Período do Romantismo**

A melancolia é uma condição que foi descrita por diversas áreas do conhecimento como um estado emocional que se caracteriza por uma espécie de desarmonia entre o seu interior e seu exterior. Tormento esse que faz com que o melancólico se depare com muitas tribulações, tais como, angústia e desesperança, ou seja, prova uma vivência marcada por um desencantamento pela vida. Fala-se da melancolia como sinônimo do furor dos alienados, da acedia dos monges, da genialidade na Renascença, da tristeza no

Romantismo e da depressão tratada atualmente por psiquiatras e psicólogos (Prigent, 2005).

Na antiguidade os filósofos entendiam que os humores eram regidos por planetas, sendo Saturno, o último planeta visível a olho nu – o mais distante e isolado que se conhecia –, aquele que rege a Melancolia. É importante considerar que a doença, aqui, não era entendida como um defeito da personalidade nem como um erro da vontade do doente, mas como consequência do acaso, explicável pela posição dos astros no momento de seu nascimento (Kehl, 2013, p. 18).

Para Hipócrates (460-377 a.C), considerado o pai da Medicina, defendia em sua teoria a existência de quatro humores do corpo: sangue, fleuma ou pituíta, bÍlis amarela e bÍlis negra. Em seu conceito, a melancolia era considerada uma patologia causada pelo desequilíbrio do corpo por influência do astro Saturno, que levava o baço a expelir um excesso da bÍlis negra. Hipócrates estabelece uma relação entre as características físicas e o comportamento mental (Prigent, 2005).

Partindo da premissa que todos os homens de exceção, isto é, compreendidos como gênios são melancólicos, Aristóteles (384-322 a.C.) relacionou a melancolia à genialidade. Definindo a melancolia como uma condição básica para criação artística, poética e filosófica. Dessa forma, a partir de Aristóteles a melancolia é associada à imaginação (Klibansky; Panofsky; Saxl, 1964/1989; Prigent, 2005).

Já para o Romantismo, a melancolia ocupa um lugar privilegiado em razão de ser considerada uma fonte de inspiração para criação poética, assim como uma condição que aperfeiçoa a alma. Ginzburg (2001) revela o endeusamento à melancolia ocorrido nesta época, exercendo um caráter sedutor nos poetas românticos:

A melancolia é, de qualquer maneira, o mais sublime dos sentimentos humanos. (...) Considerar a imensidão incomensurável do espaço, o número e a grandeza maravilhosa dos mundos, e perceber que tudo isso é pequeno, até minúsculo em comparação com a capacidade de nossa alma; imaginar o número infinito de mundos e o universo sem fim e sentir que nosso espírito e nosso desejo é ainda mais vasto que o universo; proclamam sem cessar a insuficiência e o nada de todas as coisas, sofrer privações e desejos, e em consequência a melancolia, isso é o que me parece ser a marca mais evidente da grandeza e da nobreza da natureza humana (Ginzburg, 2001, p. 107).

A inclinação à melancolia por parte de alguns homens de letras desse período foi tão distinta, a ponto de buscarem até mesmo reproduzir a melancolia, ou seja, experienciar tudo que traz descontentamento, sofrimento e atravanca a felicidade. “O

poeta romântico é um estranho entre os homens; é melancólico, extremamente sensível, ama a solidão e as efusões do sentimento” (Auerbach, 1988).

## **2. Biografia de Augusto dos Anjos, obra e autores que confirmam a melancolia em sua obra**

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884, no engenho Pau D'Arco Vila do Espírito Santo, hoje município de Sapé, na Paraíba e faleceu em Minas Gerais, no dia 12 de novembro de 1914 (Anjos, 2015).

Dito um dos mais fúnebres poetas brasileiro, sua obra está categorizada como Pré-Modernismo, isso por não se estabelecer em nenhum dos movimentos literários, ainda que suas poesias retratem o Naturalismo e o Simbolismo. O excesso de termos científicos, o pessimismo e a angústia flagrantes, os diálogos com o positivismo, com o evolucionismo e com o monismo conferem aos versos de Augusto dos Anjos uma assinatura poética personalíssima e sem par na literatura brasileira (Bosi, 1994).

Diante de tudo que se lê sobre seu estilo de vida e suas poesias, é inegável que descrevê-lo com exatidão é uma tarefa impraticável, porém, existe uma concordância sobre a sua originalidade. De acordo com Rubert (2007):

Augusto dos Anjos é um poeta controverso que não é irregular; é um autor inclassificável que não é um fora de seu tempo; Ele tem tantas faces que poderia ter ultrapassado várias décadas de leitura, estudo e produção e, no entanto, não passou do trigésimo primeiro aniversário. Ler Augusto é transitar do Romantismo ao Modernismo, passando por todas as correntes estéticas intermediárias. É um poeta que conseguiu colocar em verso, e em uma única obra, a essência de tendências as mais díspares, sem ser hermético nem incompreensível (Rubert, 2007, p. 9-10).

Em 1912, Augusto dos Anjos tornou-se público com a divulgação do seu exclusivo livro “Eu”, que denota “um livro de sofrimento, de verdade e de protesto: sofre as dores que dilaceram o homem e aquelas do cosmos” (Soares, 1994, p. 72).

Repleto de pensamentos sombrios, de finitude, de dor e de pessimismo, pressupõe-se que em uma de suas poesias, o próprio autor se autointitula “Poeta da Morte”, conforme descreve a estrofe a seguir: Nunca mais! Sê, porém, forte. O poeta é como Jesus! Abraça-te à tua Cruz E morre, poeta da Morte! (Anjos e Gullar, 2011, p. 200).

A tristeza e o sofrimento descritos no variado estilo literário do poeta também é retratado em sua fisionomia, aparentando ser uma condição natural ao seu destino, conforme seu amigo e conterrâneo, Órris Soares (1994) narra:

Foi magro meu desventurado amigo de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristeza e nos lábios uma cristação de demônio torturado [...]. Na omoplata, o corcovo estreito quebrava-se numa curva para diante. Os braços pendentes, movimentados pela dança dos dedos [...]. Essa fisionomia, por onde erravam tons de catástrofe, traía-lhe a psique. Realmente lhe era a alma uma água profunda, onde, luminosas, se refletiam as violetas da mágoa (Soares, 1994, p. 60-61).

### **3. Conceito de melancolia para a psicanálise e sua caracterização para Freud**

A melancolia, descrita por Roudinesco e Plon no Dicionário de Psicanálise (1998):

Termo derivado do grego melas (negro) e kholé (bile), utilizado em filosofia, literatura, medicina, psiquiatria e psicanálise para designar, desde a Antiguidade, uma forma de loucura caracterizada pelo humor sombrio, isto é, por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de conduzir ao suicídio, e por manifestações de medo e desânimo que adquirem ou não o aspecto de um delírio. Por outro lado, existe um dado invariável na estrutura melancólica, como mostrou Freud. Ele reside na impossibilidade permanente de o sujeito fazer o luto do objeto perdido. E é isso, sem dúvida, que explica a presença do famoso “temperamento melancólico” nos grandes místicos, sempre ameaçados de se afastar de Deus, nos revolucionários, sempre à procura de um ideal que se esquia, e em alguns criadores, sempre em busca de uma auto-superação (Roudinesco & Plon, 1998, p.505).

De acordo com Freud (1996) “a melancolia distingue-se por três pré-condições características: a perda de um objeto de amor, a ambivalência intensa em relação ao objeto, e regressão da libido ao ego”. No artigo Luto e Melancolia (Freud, 1917/1996), há justificativa da correlação entre esses dois estados para diferenciá-los em suas manifestações psíquicas que parecem iguais, mas se distinguem por diversas especificidades.

O luto e a melancolia são caracterizados por traços psicológicos bem peculiares, tais como: desinteresse pelo externo, baixa autoestima, assim como a nula habilidade para amar. No entanto, um destes é inexistente no luto: a baixa autoestima, descrita como a “perturbação da autoestima”. Por esta razão o ego melancólico se apresenta de forma pobre. (Freud, 1996, p.250).

Ainda sobre o luto, a realidade revela que o objeto amado deixou de existir, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto.

Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de energia catexial,

prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido (Freud, 1996, p. 250).

Apesar disso, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido. Na melancolia o objeto pode ter sido perdido enquanto objeto de amor. O melancólico pode estar consciente da perda que originou sua melancolia, porém, não sabe o que perdeu nesse alguém (Freud, 1996, p. 251).

Para Pinheiro (2005), o melancólico não perdeu o objeto, mas perdeu-se no objeto. Esta condição está ligada a uma perda objetal retirada da consciência. A pessoa melancólica representa seu ego como sem valor, incapaz de realização e moralmente desprezível, se envilece, esperando ser expulso ou punido (Freud, 1996, p. 251-252).

Freud (1917/1996), descreve outras duas características da melancolia: satisfazer-se no desmascaramento de si próprio e a perda do amor próprio. No quadro clínico melancólico percebe que as auto recriminações são recriminações a um objeto amado que foram deslocadas desse objeto para o seu próprio ego, “já que tudo de desairoso que dizem sobre eles próprios refere-se, no fundo, à outra pessoa” (Freud, 1996, p. 254). Condição essa que pode trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente (Freud, 1996).

## DISCUSSÃO

Iniciando pela poesia “O poeta do hediondo”, iremos evidenciar o sentido denotativo dos escritos do poeta Augusto dos Anjos. Faremos a correlação da subjetiva melancolia proferida em algumas de suas poesias, baseada no conceito de melancolia à luz da psicanálise:

Sofro aceleradíssimas pancadas  
No coração, ataca-me a existência  
A mortificadora coalescência  
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,  
Eu sinto, então, sondando-me a consciência  
A ultrainquisitorial clarividência  
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!  
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho  
Cantando sobre os ossos do caminho  
A poesia de tudo quanto é morto! (Anjos e Gullar, 2011, p. 247)

Quando fazemos uma leitura das palavras chaves do ponto de vista denotativo, de acordo com os diferentes dicionários da língua portuguesa (Michaelis, DICIO, Oxford, Priberam, etc) temos os significados descritos na Tabela 1.

**Tabela 1 – Sentido denotativo das palavras da poesia “O poeta do hediondo”**

<b>Palavra</b>	<b>Significado</b>
Hediondo ( <i>adj.</i> )	1. Que provoca repulsão. 2. Repugnante. 3. Horrível. 4. Que cheira mal. 5. Sinistro. 6. Medonho. 7. Pavoroso (Michaelis, 2016).
Poeta ( <i>s.m.</i> )	1. Aquele que compõe ou faz poesia; quem escreve através de versos. 2. Autor cuja obra, ofício, trabalho ou modo de expressão está repleto de poesia. 3. Sonhador; quem é idealista ou possui uma imaginação fantasiosa. 4. Sensível; quem se define pela sensibilidade, imaginação ou expressividade artística (Michaelis, 2016).
Sofro ( <i>ver.</i> )	1. Suportar, padecer com resignação e paciência; tolerar. 2. Passar por (Priberam, 2023).
Pancada ( <i>s.f.</i> )	1. Choque que um corpo dá e recebe no instante em que se encontra com outro. 2. Som de um sino, de um relógio. 3. Bordoada, paulada (Michaelis, 2016)
Coração ( <i>s.m.</i> )	1 Órgão musculoso, centro do sistema de circulação do sangue. 2. Parte exterior do corpo correspondente à zona do coração (Priberam, 2023).
Ataca ( <i>s.f.</i> )	1. Ato de atacar. 2. Assalto, investida. 3. Impugnação, acusação. 4. Altercação. 5. Agressão. 6. Manifestação declarada (de doença) (Priberam, 2023).
Mortificador ( <i>adj.</i> )	1. Mortificante (DICIO, 2023).
Coalescência ( <i>s.f.</i> )	1. Aderência de partes que se achavam separadas. 2. Aglutinação (Priberam, 2023).
Alucinatórias ( <i>adj.</i> )	1 Que faz cair em alucinação. 2 Que provém de alucinação (Priberam, 2023).
Sondando ( <i>ver.</i> )	1 Fazer a sondagem de, reconhecer ou verificar com a sonda a natureza (de um terreno), a profundidade de (mar ou rio) (Michaelis, 2016).
Consciência ( <i>s.f.</i> )	1 Capacidade, de natureza intelectual e emocional, que o ser humano tem de considerar ou reconhecer a realidade exterior ou interior, como, por exemplo, as modificações de seu próprio eu. 2 Sentido ou percepção que permite ao homem conhecer valores ou mandamentos morais, quanto ao certo ou ao errado, e aplicá-los em diferentes situações, aprovando ou reprovando seus próprios atos 3 Sistema ou conjunto de valores morais, construído com base nessas percepções ou convicções, que, tomado como paradigma individual, se torna disponível para que cada pessoa avalie seus atos, sua conduta e suas intenções, bem como os alheios. 4 Conjunto de ideias, crenças e atitudes de um grupo de pessoas em relação ao mundo circundante ou a tudo aquilo que apresentam em comum; conhecimento, convicção, compreensão (Michaelis, 2016).
Ultrainquisitorial ( <i>é</i> )	<i>ultra</i> - 1. além de 2. extremamente 3. excessivamente (Priberam, 2023); <i>inquisitorial</i> - Adjetivo concernente à inquisição ou aos inquisidores. Diz-se de todo ato arbitrário (DICIO, 2023).
Clarividência ( <i>s.f.</i> )	1. Propriedade de clarividente, 2. que vê claramente, 3. com clareza (DICIO, 2023)
Neuronas ( <i>s.f.</i> )	1. Célula nervosa com seus prolongamentos (Michaelis, 2016).
Cérebro ( <i>s.m.</i> )	1. Centro nervoso situado no crânio dos vertebrados, muito desenvolvido no homem, no qual se compõe de dois hemisférios constituídos por numerosas circunvoluções. A parte maior do encéfalo; massa nervosa que ocupa quase inteiramente a cavidade craniana e é a parte superior dos centros nervosos (DICIO, 2023).

Sonda (s.f.)	1 Acto ou efeito de sondar. 2 Instrumento que serve para fazer sondagens (Priberam, 2023).
--------------	--

Fonte: Autor (2023)

Ao analisarmos subjetivamente o título da poesia, “O poeta do hediondo”, percebemos de antemão um paradoxo. “Poeta” reflete a imagem de uma pessoa sensível, elevada, enquanto o termo hediondo comporta o significado de algo vulgar. Ainda a respeito da expressão inaugural da poesia, percebemos algo ambivalente, podendo sinalizar algo corporal, visceral como também um sentimento que vai além, suscitando uma visão de vulnerabilidade sobre sua própria condição humana. O título dessa poesia evidencia as agruras de possuir um eu de linguagem que tem crítica e consciência de sua sensibilidade, visceralidade e vulnerabilidade.

Na frase “sofro aceleradíssimas pancadas”, o verbo sofrer na primeira pessoa do singular no presente do indicativo nos dá a entender que o sofredor está em uma posição de passividade diante do sofrimento que o ataca. Um sofrimento em excesso que recai diretamente em seu corpo, em seu eu. Já que psicanaliticamente falando entendemos que o *eu* é corporal. Corroborando com o que diz Freud (1996), que o sofrimento humano se sente por três forças: do próprio corpo, da natureza e do encontro com o outro. No corpo acontece pelo desgosto, pelas patologias e pelos acontecimentos que atravessam a própria vida.

Continuando a leitura, na próxima frase temos: “no coração, ataca-me a existência”, pois o coração aqui pode configurar o lugar corporal que simboliza a vida, o amor, a dor e os desconfortos inerentes à existência. Seguindo para a frase do verso 3, “A mortificadora coalescência” pode estar falando da aglomeração de conteúdos psicológicos internos e subversivos como angústia, humilhação e desprazeres da vida, que se intrincam a uma angústia opressora e dominante.

Metaforicamente, as palavras e expressões do poeta na primeira estrofe fala de uma perspectiva de mundo atravessada por dor e desespero, onde o eu lírico, de forma intensa e colérica, sente as “pancadas” da existência. Conota também, um sentimento de incômodo e um fardo pesado em relação aos desprazeres da vida, que se amontoam e intrincam-se em uma angústia opressora e dominante.

Considerando o caráter subjetivo do autor, nos versos 5, 6, 7 e 8, reverbera uma excessiva e intensa introspecção, no sentido de entender sua própria existência, assim como a complexidade do universo e uma incessante angústia e agitação mental.

Simbolicamente, Augusto está se referindo a dificuldade de existir no mundo, transpassado por emoções e humores que caracterizam a melancolia.

A frase “Em alucinatórias cavalgadas,” do verso 5, remete a um estado de delírio e êxtase. Uma perturbação que está fora de controle, como alguém imerso na melancolia, envolvendo uma profunda concentração no raciocínio de onde brotam de maneira pujante e perturbadora as ideias e emoções que se encontram no inconsciente. A seguir, na frase “Sondando-me a consciência”, o eu lírico está empenhado em examinar sua autoconsciência, no sentido de descobrir e compreender a natureza dos sujeitos, da vida e da morte. Vista como uma pretensão de compreender os conteúdos inconscientes, sugerindo um estado de introspecção, termo que se relaciona com o que Freud chamou de “Vida Psíquica” compreendido como uma assimilação entre as simbolizações internas e as simbolizações do ambiente externo.

“A ultra-inquisitorial clarividência”, Augusto fala de um sofrer por saber, por pensar, por ter um EU de linguagem que o ajuda a nomear o que ele sente, e isto, é o mesmo que o faz padecer. Como algo que se impõe e de forma clara, o faz sujeitar-se à iminência da morte. Adiante no verso 8, “De todas as neuronas acordadas”, remete a uma vigorosa atividade mental, algo que está em pleno funcionamento, e, o que se perdeu foi o objeto afetivo. O conceito de objeto afetivo pela ótica da psicanálise diz respeito à pessoa, ideia ou objeto em relação à qual os afetos são dirigidos ou investidos. Este exerce um papel de extrema relevância no desenvolvimento mental e emocional do sujeito.

Simbolicamente, as expressões exibidas na terceira estrofe, especificamente, no verso 9, “Quanto me dói no cérebro essa sonda!”, conota uma dualidade entre o desejo de conhecer a si mesmo, mas por outro lado, a repulsa ao desconforto e dor que isso causaria. Figuradamente o poeta fala do desejo de examinar o íntimo da mente, até mesmo memórias reprimidas, embora isso traga abatimento e sofrimento mental.

De modo semelhante, assim encerra a poesia: “Eu sou aquele que ficou sozinho” que nos insere a ideia de alguém que não se sente pertencente ao meio ou mesmo a outras pessoas. Aquele que sofre por experienciar o sentimento de solidão. Um parecer que se torna mais evidente ao analisarmos a seguinte frase “Cantando sobre os ossos do caminho”, que também simbolicamente fala de uma forma sarcástica de expressão de quem se sente só diante a vida e sua efemeridade. Por fim, a frase “A poesia de tudo quanto é morto!” que pode ser interpretada como inspiração para arte em coisas fúnebres, como a morte. Que psicanaliticamente é denominado como sublimação - considerado o mais evoluído mecanismo de defesa, que consiste em centralizar nossa energia afetiva

para outras tarefas ou objetivos; atenuando a energia concentrada em outras esferas, de modo a mitigar o estado de tensão e de angústia. Refere-se a impulsos reativos que, “a fim de suprimirem esse desprazer, constroem barreiras mentais da repugnância, da vergonha e da imoralidade” (Freud, 1996, p. 167).

Relacionando algumas palavras e expressões da poesia, tanto em seu sentido original quanto em suas significações conotativas, evidenciamos que, de forma subjetiva e objetiva, a poesia acima dialoga com a melancolia. A melancolia, pelo olhar da psicanálise, se caracteriza por desprazeres pela vida e uma introspectiva e depreciativa visão sobre si mesmo. A autocrítica é entendida como um processo psicológico pelo qual o sujeito melancólico atravessa profundamente, gerando uma impressão de desconformidade com o meio em que se vive. No prelúdio dessa poesia, evidenciamos, emoções ambivalentes, traços de hostilidade e frustração. O sentido conotativo que o autor atribui ao termo “neurona” insinua que não houve perda do objeto real, mas perda do objeto afetivo, sendo isto, um dos sinais atribuídos à melancolia. A perda de um ser amado não é apenas perda do objeto, é também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto. Lugar de amado, de amigo, de filho, de irmão (Kehl, 2013, p. 19).

Assim, a melancolia emerge - analogamente ao pensamento freudiano - como uma ausência, um desconforto causado pela compreensão da perda do objeto amado. A melancolia caracterizada por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. Esse quadro se aproximará mais de nossa compreensão se considerarmos que o luto revela os mesmos traços, exceto um: falta nele a perturbação do sentimento de autoestima. (Freud, 1996, p. 28). Na psicanálise, esse processo desencadearia um estágio clínico compreendido, segundo Kristeva, como “a sintomatologia psiquiátrica de inibição e de assimbolia que, por momentos ou de forma crônica, se instala num indivíduo” (Kristeva, 1989, p. 16).

O olhar, repleto de tristeza sobre si e sobre o mundo, são características que sobressaem nesta poesia. Augusto exprime seu desconforto pela complexidade do caráter humano, como também os enfrentamentos repulsivos e difíceis de encarar. Kehl (2009, p. 22) defende a hipótese de que: “as depressões, na contemporaneidade, ocupam o lugar de sinalizador do ‘mal-estar na civilização’ que desde a Idade Média até o início da modernidade foi ocupado pela melancolia”.

Em seguida analisaremos a poesia “Psicologia de um vencido”:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
 Monstro de escuridão e rutilância,  
 Sofro, desde a epigênese da infância,  
 A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,  
 Este ambiente me causa repugnância...  
 Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas  
 Que o sangue podre das carnificinas  
 Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
 E há de deixar-me apenas os cabelos,  
 Na frialdade inorgânica da terra!  
 (ANJOS, 1996, p.16)

Os sentidos denotativos das expressões na poesia estão listados na Tabela 2.

**Tabela 2** – Sentido denotativo das palavras da poesia “Psicologia de um vencido”

Palavra	Significado
Carbono ( <i>s.m.</i> )	1. Corpo simples (C), que se encontra, mais ou menos puro, na natureza, seja cristalizado (diamante, grafita), seja amorfo (carvão de pedra, hulha, antracito, linhita) (DICIO, 2023).
Amoníaco ( <i>s.m.</i> )	1. Gás de odor muito picante e sabor cáustico, formado pela combinação de nitrogênio e de hidrogênio (NH <sub>3</sub> ) (DICIO, 2023).
Monstro ( <i>s.m.</i> )	1. Qualquer ser ou coisa contrária à natureza; 2. anomalia, 3. deformidade, 4. monstruosidade (Oxford Languages, 2023).
Escuridão ( <i>s.f.</i> )	1. Característica ou particularidade do que é escuro; 2. qualidade daquilo ou do que não possui luz (DICIO, 2023).
Rutilância ( <i>s.f.</i> )	1 Estado ou qualidade do que é rutilante. 2 Brilho intenso, fulgor (Priberam, 2023).
Hipocondríaco ( <i>s.m.</i> )	1. Sujeito que possui hipocondria - patologia mental de quem se preocupa excessivamente com o próprio estado de saúde sem razão aparente para isso (DICIO, 2023).
Repugnância ( <i>s.f.</i> )	1. Sentimento de aversão, de repulsa; 2. asco (Oxford Languages, 2023).
Ânsia ( <i>s.f.</i> )	1. Sensação de aperto na região torácica ou peitoral; 2. Aflição; 3. Angústia causada por um sentimento de expectativa ou de incerteza; 4. Desejo excessivo; 5. Anseio; 6. Reunião das sensações ou acontecimentos anteriores à morte; 7. Agonia (DICIO, 2023).
Análogo ( <i>s.m.</i> )	1. Que é parecido ou que se parece com outra coisa ou pessoa; 2. Semelhante, idêntico (DICIO, 2023).
Cardíaco ( <i>adj.</i> )	1. Pessoa que sofre do coração (DICIO, 2023).
Verme ( <i>s.m.</i> )	1. Parasito que se desenvolve no corpo vivo (DICIO, 2023).
Operário ( <i>s.m.</i> )	1. Pessoa que, mediante salário, se dedica a um trabalho manual proposto por um empregador; 2. Pessoa encarregada de um trabalho, mediante pagamento; 3. Trabalhador (DICIO, 2023).

Ruínas ( <i>s.f.</i> )	1. Ato ou efeito de ruir, de cair violenta e subitamente; 2. Desabamento, desmoronamento; 3. Restos de edifícios desmoronados ou destruídos pelo tempo (Priberam, 2023).
Sangue ( <i>s.m.</i> )	1. Líquido viscoso e vermelho que, através das artérias e das veias, circula pelo organismo animal, coordenado e impulsionado pelo coração (DICIO, 2023).
Podre ( <i>adj.</i> )	1. Em estado de decomposição; 2. Que está em processo de deterioração; 3. Deteriorado; 4. Que tem um cheiro horrível; 5. Fétido (DICIO, 2023).
Carnificinas ( <i>s.f.</i> )	1. Extermínio de muitas pessoas; 2. Massacre coletivo; 3. Matança ou chacina (DICIO, 2023).
Guerra ( <i>s.f.</i> )	1. Luta armada entre nações ou entre partidos; 2. Combate, batalha; 3. Conflito armado entre povos ou etnias diferentes, buscando impor algo pela força e pela violência, com o objetivo de proteger seus próprios interesses; 4. Combate armado; 5. Conflito (DICIO, 2023).
Espreitar ( <i>ver.</i> )	1. Observar atentamente; 2. Perscrutar: espreitar as ideias da concorrência; 3. Espreitar a ocasião, procurar ensejo, oportunidade para algo; 4. Analisar com riqueza de detalhes; 5. Estudar (DICIO, 2023).
Roer ( <i>ver.</i> )	1. Triturar com os dentes; 2. Corroer; 3. Desgastar; 4. Ulcerar com o atrito; 5. Causar a destruição de algo (DICIO, 2023).
Frialdade ( <i>s.f.</i> )	1. Qualidade ou estado do que é frio; 2. Tempo frio; 3. Insensibilidade; 4. Indiferença (DICIO, 2023).
Inorgânica ( <i>adj.</i> )	1. Que não tem órgãos; 2. A que falta a organização de um ser vivo; 3. Sem vida (DICIO, 2023).

Fonte: Autor (2023)

Simbolicamente, no verso 1, da primeira estrofe, o autor expressa uma ambivalência entre a vida e a morte, matéria orgânica e decomposição de um corpo que se encontra sem vida, assim como criação e destruição. Aponta o caráter da natureza humana, deveras, físico e biológico. Sofre pela transitoriedade da vida e pela implacável finitude do ser. No verso 2, a expressão utilizada pelo autor, em sua significação simbólica, insinua uma batalha interna entre forças antagônicas, conflitantes, que demonstra uma angústia no âmago da alma, apontando para sua própria existência uma oposição entre algo sombrio e amedrontador, com algo claro e reluzente. Evidenciando uma inquietação perante a luz, luz essa, que rodeia sua profunda melancolia. Psicanaliticamente, essa aversão ao mundo externo, pode ser compreendida como projeção - mecanismo de defesa psíquica que pode ser utilizada para nos desviar dos nossos sentimentos, pensamentos, desejos e características que estão reprimidas. Estes conteúdos são reprimidos porque não os aceitamos em nós mesmos, assim como não podemos pensar ou nos ocupar deles no momento, e ao invés de nos angustiar, experienciamos outros sentimentos. A projeção para o exterior de percepções interiores é um mecanismo primitivo, ao qual nossas percepções sensoriais se acham também submetidas, e que desempenham um papel essencial em nossa representação do mundo exterior." (Freud, 1996, p.454)

No contexto subjetivo de Augusto dos Anjos, a frase “profundissimamente hipocondríaco”, da segunda estrofe, mostra uma perturbação sem nenhum indicador biológico, mas, ao mesmo tempo, revela uma mente profundamente perturbada em relação à vulnerabilidade diante à vida, ou seja, ciência de que a morte é algo fatal. A hipocondria é entendida como uma simbolização de um conflito psíquico que se expressa pelo corpo, uma ansiedade inconsciente. Na expressão, “Este ambiente me causa repugnância”, exprime também desgosto e aversão pelo ambiente ao seu redor e à condição humana. Através de uma imaginação perturbada, demonstra uma alienação em relação ao ambiente que o cerca e uma visão de um mundo sem graça e sem beleza. Para psicanálise pode ser entendido como possíveis conflitos emocionais e/ou psíquicos projetados no ambiente físico. Nos versos 7 e 8, poeticamente, entendemos como uma arbitrária e arraigada ansiedade. Ao expressar “Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia que escapa à boca de um cardíaco”, simbolicamente, descreve o caráter opressor da angústia, bem como a necessidade excessiva de externar essa angústia. Neste contexto, a arte poética pode ser vista como uma sublimação.

A Sublimação é um conceito psicanalítico de extrema relevância para pensar a civilização. Contempla justamente a presença de pulsões sexuais e agressivas direcionadas para a construção de produções artísticas reconhecidas socialmente como algo elevado e sofisticado. Que consiste em uma “defesa bem sucedida, que gera a cessão daquilo que se rejeita” (Fenichel, 1998, p.131). Ainda neste mesmo cenário, identificamos a poesia como uma estratégia para aliviar-se das aflições ou mesmo para compreendê-las. Na psicanálise, essa prática “cura pela fala” está associada às técnicas que propõem o alívio das angústias, onde o paciente expressa livremente durante a sessão terapêutica seus pensamentos, suas emoções e suas memórias. De acordo com o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco (1998), o método catártico é o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.

Na terceira estrofe, considerando a subjetividade do poeta, na frase “Já o verme — este operário das ruínas” indica uma expressão da fatalidade da morte, da decomposição e da fugacidade da vida. Ideia de que a morte e a devastação são adversidades próprias da vida, e que o poeta atua diretamente na destruição e transformação. Desse modo, percebemos uma dualidade, caracterizada pela psicanálise como pulsão de vida e pulsão de morte. A Pulsão de vida, ou Eros, representa a manifestação de um desejo interno que direciona o sujeito a buscar o prazer, bem como colocar em prática seus planos e projetos

quando a Pulsão de morte, ou Thanatos, submete-se aos desígnios que direciona o homem para o isolamento e para as atitudes de destruição, anulação e morte. Conforme Marcuse, segundo uma análise Freudiana, essa pulsão de vida é pensada como libido, o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido (Marcuse, 1999, p. 35). Quanto à pulsão de morte, refere-se a “que se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível” (Freud, 1996, p. 51).

No verso 10, “Que o sangue podre das carnificinas” representa a agressividade e o sofrimento inerentes à condição humana, bem como experiências e traumas internalizados na psique do sujeito, que geram e manifestam determinados comportamentos e emoções danosas e duradouras. Verso 11 “Come, e à vida em geral declara guerra” analisamos como uma reflexão sobre a mortalidade, a efemeridade da vida, a violência e o sofrimento inerentes à condição humana.

Poeticamente, a conotação evidenciada no verso 12: “Anda a espreitar meus olhos para roê-los”, pode ser compreendida como um impulso autodestrutivo, bem como a capacidade de ver e entender sobre si e sobre o ambiente amedrontador. A expressão do verso 13, “deixar-me apenas os cabelos”, os cabelos normalmente, participantes da vaidade e da identidade pessoal, são os resquícios inorgânicos perante a ausência de vida e do irremediável destino à terra. Para finalizar, “Na frialdade inorgânica da terra!”, que simbolicamente entendemos como contrastação da vida, regresso à inorgânica da terra, ou seja, representação da morte. Pela ótica da psicanálise, podemos interpretar essas expressões como uma representação simbólica dos temores em relação à finitude da vida.

Numa comparação entre a subjetiva melancolia expressa pelo autor e a melancolia anunciada pela psicanálise, podemos considerá-las correspondentes já pela conotação de “Psicologia de um vencido” título dado ao poema. No contexto poético, esse título traz o entendimento de um sujeito estudioso da mente, ou seja, um sujeito que busca compreender os conflitos psíquicos que repercutem diante do fracasso em relação às determinações da vida. Para psicanálise esses conflitos são oriundos dos desejos, impulsos, traumas, repressões e perspectivas inconscientes.

Artisticamente, Anjos gera uma aura, um clima de melancolia para expressar sua frustração diante a condição humana, à efemeridade da vida, a inevitabilidade da morte e a dolorosa arte de viver. A psicanalista Maria Rita Kehl, em seu livro “O tempo e o Cão: A Atualidade das Depressões” (2009), defende a melancolia como um rigoroso sentimento

de tristeza, abatimento e uma sensação de perda, assim como discute a possibilidade desses sentimentos e sensações estarem relacionados a experiências anteriores não resolvidas.

Para a psicanálise, a melancolia está relacionada também a uma introspectiva crítica sobre a condição humana, particularmente sobre perdas objetais ou simbólicas. Berlinck & Fedida (2000) mostram que as recentes publicações psiquiátricas tendem a dissolver a melancolia na depressão e que, aquilo que no passado era chamado de “melancolia”, hoje é denominado depressão.

Conforme segue abaixo, analisaremos a poesia “Solitário”:

Como um fantasma que se refugia  
Na solidão da natureza morta,  
Por trás dos ermos túmulos, um dia,  
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia  
Não era esse que a carne nos contorta...  
Cortava assim como em carniçaria  
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!  
E eu saí, como quem tudo repele,  
- Velho caixão a carregar destroços -

Levando apenas na tumba carcaça  
O pergaminho singular da pele  
E o chocalho fatídico dos ossos!  
(ANJOS, 1996)

Na Tabela 3, estão apresentadas algumas palavras e expressões da poesia acima referida e seus sentidos denotativos.

**Tabela 3** – Sentido denotativo das palavras da poesia “Solitário”

Palavra	Significado
Fantasma ( <i>s.m.</i> )	1. Imagem fantasiosa e ilusória que infunde terror; 2. Visão alucinatória, produto da imaginação; 3. Alucinação; 4. Representação de figuras medonhas, espectros, sombras, vultos de mortos, de entidades sobrenaturais; 5. Assombração, aparição (DICIO, 2023).
Refugia ( <i>ver.</i> )	1. Recuava; 2. Retrocedia; 3. Retrógrada; 4. Fugia; 5. Refluía (DICIO, 2023).
Frio ( <i>s.m.</i> )	1. Que não tem calor; 2. Inerte, gélido; 3. Indiferente, insensível; 4. Apático (Michaelis, 2016).
Contorta ( <i>ver.</i> )	1. Espécime de contortas; 2. Ordem de dicotiledôneas metaclamídeas, segundo sistema de classificação antigo, de corda retorcida, flores pentâmeras, ovário súpero e bicarpelar (Oxford Languages, 2023).
Cortava ( <i>ver.</i> )	1. Trinchava; 2. Vulnerava; 3. Golpeava; 4. Fendia; 5. Acutilva; 6. Separava; 7. Desunia; 8. Desconjuntava; 9. Apartava (DICIO, 2023).
Carniçaria ( <i>s.f.</i> )	1. Preparação de carnes de açougue; 2. Chacina, carnificina, matança, morticínio (DICIO, 2023).
Incisivas ( <i>adj.</i> )	1. Aguda, decisiva, ferina (DICIO, 2023).

Desgraça ( <i>s.f.</i> )	1. Perda das graças, das boas relações que se tem com alguém; 2. Desfavor; 3. Acontecimento lamentável, funesto; 4. Infortúnio, desventura; 5. Condição de infelicidade; 6. Condição angustiante, em que há aflição; 7. Angústia; 8. Falta de sorte; 9. Azar (Priberam, 2023).
Repele ( <i>ver.</i> )	1. Rechaçar; impelir com ímpeto; 2. Expulsar; 3. Lançar de si.; 4. Não deixar aproximar; 5. Recusar; rejeitar; 6. Revoltar-se contra; 7. Afastar; desviar (Priberam, 2023).
Caixão ( <i>s.m.</i> )	1. Caixa grande; 2. Caixa comprida, destinada a conter o corpo de um defunto que vai ser enterrado ou cremado; 3. Caixa para munições de artilharia (Priberam, 2023).
Tumba ( <i>s.f.</i> )	1. Pedra, edificação ou monumento, que tem o objetivo de marcar o local onde uma pessoa foi enterrada; 2. Construção fechada que serve para abrigar o sarcófago, túmulo de pedra, que contém os restos mortais de alguém; 3. Sepultura; 4. Cova feita na terra para enterrar cadáveres (DICIO, 2023).
Carcaça ( <i>s.f.</i> )	1. Esqueleto de animal (DICIO, 2023).
Pergaminho ( <i>s.m.</i> )	1. Pele de carneiro, ovelha ou cordeiro curtida e preparada para se escrever cujo nome deriva do antigo reino de Pérgamo; 2. Texto, documento, manuscrito que foi feito a partir dessa pele (DICIO, 2023).
Chocalho ( <i>s.m.</i> )	1. Campainha, de formato semelhante ao de um pequeno sino, que se coloca no pescoço de animais, geralmente do gado ou bestas de carga; 2. Pequeno brinquedo, com badalo ou espécies de guizos, que faz um leve ruído, quando agitado; 3. Vaso ou cabaça com pedras dentro, que serve para produzir som que imita o de um chocalho; 4. Órgão sonoro da cascavel, formado de peles ressecadas na extremidade da cauda (Priberam, 2023).
Fatídico ( <i>adj.</i> )	1. Que provoca desgraça; 2. Que carrega consigo a desgraça; 3. Que capaz de profetizar uma desgraça; 4. Trágico: momento fatídico (DICIO, 2023).

Fonte: Autor (2023)

No contexto do poeta, a primeira estrofe demonstra uma dispersão em relação ao mundo dos vivos. Alguém que se protege da realidade que o cerca. Desejante da solidão e ensimesmado no próprio pensamento, ou seja, fixado no seu mundo interior. O enunciado “Como um fantasma que se refugia”, no verso 1, podemos entender como recordações permanentes, conteúdos inconscientes e indesejados que lutam para se manterem fora da consciência. No segundo verso, a frase “Por trás dos ermos túmulos, um dia”, nos remete à dualidade entre viver e morrer. Como que sondasse os dolorosos acontecimentos anteriores, assim como um sofrimento em relação à finitude existencial. Pela ótica da psicanálise enxerga-se uma manifestação da necessidade de um ambiente acolhedor diante da solidão e fugacidade da vida.

No contexto de Augusto, a segunda estrofe da poesia exprime, simbolicamente, sua sensibilidade afetiva. Ao falar “Não era esse que a carne nos contorta...”, refere-se a uma tribulação, um desconforto que, além de físico, alcança a alma. Algo que de maneira sobre-humana apodera-se de suas emoções. Já no verso 7, “Cortava assim como em carniçaria” descreve uma ação brutal e desumana, indicando uma cisão entre a ação e a emoção em relação a ação

Contextualizando a segunda estrofe pela ótica da psicanálise, nota-se uma incapacidade de conectar-se emocionalmente, ou seja, destituído de sentimentos que acompanham e caracterizam um ser humano.

Interpretando essas palavras e expressões de modo conotativo, entendemos a frase, “Mas tu não vieste ver minha Desgraça!” como alguém que não compareceu ou não participou da sua desgraça. Em outras palavras, se sente solitário e rejeitado em compaixão. No próximo verso “sai, como quem tudo repele”, como uma reação do eu lírico à ausência de compaixão com um gesto de abandono. No verso 11, “Velho caixão a carregar destroços”, emblematicamente, insinua um eu lírico que se percebe como um caixão, carregado de rastros de angústia, como alguém que se compadece de si mesmo. Analisando psicanaliticamente as expressões dessa segunda estrofe do poema, entendemos como um discurso poético para descrever a complexa psique humana, assim como as frustrações emocionais e dos traumas internalizados ao longo da vida.

Ao analisarmos a frase do verso 12, “Levando apenas na tumba carcaça”, identificamos a fala de um sujeito sem vida, morto, que carrega consigo a fatalista putrefação do homem. Ao expressar “O pergaminho singular da pele” evidenciamos a pele como algo grandioso e singular, assim como é a excentricidade da vida. Nesse contexto, ligando a palavra “pergaminho” à pele, entendemos como algo que guarda, bem como traduz os registros das memórias, sofrimentos e perturbações da alma humana. Augusto segue metaforicamente falando dos ossos como um fúnebre anúncio de que a vida se desfez. Nesta última frase: E o chocalho fatídico dos ossos!” Podemos identificar “chocalho” como uma sineta, relacionada a um aviso, um barulho, que o coíbe de esquecer que a vida é breve e a morte é inexorável.

No contexto do poeta, esta estrofe demonstra uma dispersão em relação ao mundo dos vivos. Alguém que se protege da realidade que o cerca. Desejante da solidão e ensimesmado no próprio pensamento, ou seja, fixado no seu mundo interior. Alegoricamente nessa última estrofe, o poeta fala de uma pulsão de morte, um desejo de inexistir. Pulsão de morte refere-se a um conceito psicanalítico entendido como um impulso para inércia e para o regresso ao estado inorgânico. Podendo se manifestar por comportamentos autodestrutivos, como também agressões direcionadas para fora, e tem a ver com um impulso natural que procura mitigar a tensão e retornar ao estado de inexistência. A pulsão de morte era entendida por Freud (1920/1996) como uma tendência que extingue a estimulação do organismo, sendo que o trabalho dessa pulsão de morte teria como objetivos descarga, falta do novo e inexistência da vida. Kehl (2009, p. 22)

defende a hipótese de que embora o luto - seja por morte ou abandono - tenha um caráter passageiro no que se refere à inibição e ao desligamento da libido em relação ao objeto, seu impacto sobre o Eu é estruturante, deixando marcas permanentes no Eu constituído, já que a perda de objeto implica também uma perda de referencial.

As ocasiões para a melancolia geralmente não se limitam ao caso muito claro de perda em virtude da morte, e abrangem todas as situações de ofensa, menosprezo e decepção, em que uma oposição entre amor e ódio pode ser introduzida na relação, ou uma ambivalência existente pode ser reforçada (Freud, 1917/1996, p. 184).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no problema proposto e com os objetivos que nortearam a pesquisa, as descobertas se revelaram importantes e interessantes, embora, não surpreendentes, já que uma linguagem humana pressupõe a exposição de sentimentos e emoções que desnuda o íntimo do ser e coloca a céu aberto as fraquezas, tristezas e tempestades internas dos viventes no mundo.

Ao utilizar palavras e expressões para identificar sofrimentos humanos, compreendemos que a arte e a ciência se constituem de indispensáveis fontes para conhecer a pessoa na sua integralidade. A ciência ocupa-se, dentre outros papéis, evidenciar a veracidade da natureza humana, enquanto a arte pode revelar singularidades profundas do ser de maneira simbólica, porém esteticamente compreendida e apreciada por outros – algo que descreve a função sublimatória para psicanálise.

Considerando as análises das três poesias eleitas neste trabalho com base na perspectiva psicanalítica, utilizando principalmente o artigo “Luto e Melancolia” (Freud, 1917), inferimos que as poesias nas quais o autor emprega palavras e expressões que deprimem e angustiam, é possível identificar sofrimentos psíquicos e estão relacionadas à melancolia. A melancolia nas poesias de Augusto dos Anjos está representada por introspecção, sentimentos ambíguos e autodestrutivos, solidão e perturbação. Sabemos que a melancolia se configura pela perda simbólica do objeto de amor, da privação de algo cuja falta causa sofrimento, como também a reação a uma perda idealizada na qual o objeto amado, prazeroso, estimado não desapareceu de um campo real, mas foi perdido pelas sensações imaginárias de abandono, enquanto objeto de desejo.

Nas análises que levaram em consideração a melancolia, também trouxemos para as conclusões o quesito luto, examinado no artigo escrito por Freud (1917/1996). Sobre

essa condição, não foi possível perceber se nas produções poéticas analisadas o autor sofreu uma perda real - o que caracteriza o luto - pois ele não deixou claro em seus escritos referências a respeito de uma perda real que angustia e deprime.

Em razão das limitações de um trabalho deste porte, sugerimos sua continuidade, que poderá trazer grandes benefícios à área da educação, auxiliando àqueles que atuam como profissionais e àqueles que se preparam para o desempenho da profissão como aprendentes, visto que, dependendo das palavras e expressões escritas ou ditas pelo sujeito, estas poderão ser fortes indicadores de sofrimento psíquico, e assim permitir que a criança ou o adolescente seja auxiliado no seu bem-estar psíquico.

## REFERÊNCIAS

1. ANJOS, A. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
2. ANJOS, A. *Eu*. ed. Attar, Rio de Janeiro, 2015 (Original publicado em 1912).
3. ANJOS, A; GULLAR, F. *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. José Olympio. 2011.
4. AUERBACH, E. *Introdução de gênio e melancolia: O problema XXX*, 1. Rio de Janeiro: Lacerda, 1988.
5. BERLINCK, M. T., & FÉDIDA, P. A clínica da Depressão: questões atuais. In M. T. Berlinck, *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Editora Escuta. 2000.
6. BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 1994.
7. BRENNER, C. *Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica*. Tradução de Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
8. DELOUYA, D. *Depressão Estação Psique: Refúgio, Espera, Encontro*. Editora Escuta; 1ª edição. 2002.
9. DICIO, *Dicionário Online de Português*. 7Graus. 2009 - 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>
10. FENICHEL, O. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. São Paulo: Atheneu, 1998.
11. FONTES, H. *Crônica Literária*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
12. FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: v.18: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
13. FREUD, S. *Luto e melancolia*. *Obras completas (1916-1917)*. Conferência XXVI. A

- teoria da libido e o narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1996.
14. GINZBURG, J. Conceito de melancolia. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, Jun 2001.
  15. KEHL, M. R. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
  16. KEHL, M. R.; CARONE, M.; PERES, U. T. Luto e Melancolia: Sigmound Freud. São Paulo: Cosac Naify, 2013
  17. KLIBANSKY, R., PANOFKY, E., & SAXL, F. *Saturne et la melancolie. Etudes historiques et philosophiques: nature, religion, médecine et art* (F. Durand-Bogaert & L. Évard. Trads.). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1964) 1989.
  18. KRISTEVA, J. Sol negro: depressão e melancolia. Tradução de Carlota. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
  19. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
  20. MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, (1966). Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 8º edição.
  21. MENDES, E. D.; VIANA, T. DE C.; BARA, O. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 30, n. 4, p. 423–431, out. 2014.
  22. MICHAELIS dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.
  23. MOREIRA, A. G. C. Clínica da melancolia. São Paulo: Escuta/Edufpa, 2002.
  24. OXFORD dicionário online. Oxford University Press. 2023. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>
  25. PINHEIRO, T. Depressão na contemporaneidade. Pulsional: Revista de Psicanálise. Clínica Social, XVIII(182), 101-109. 2005.
  26. PRIBERAM dicionário online. Priberam informática S.A. 2008 – 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/online>.
  27. PRIGENT, H. *Mélancolie: les métamorphoses de la dépression* Paris: Gallimard. 2005.
  28. QUINET, A. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2006.
  29. ROUDINESCO, E; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
  30. RUBERT, N. M. A. O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira. In: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol.

03 N. 02 – jul/dez 2007.

31. SOARES, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: Augusto dos Anjos – Obra Completa. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1994. Publicado originalmente em Eu (Poesias Completas). Imprensa Oficial da Paraíba, 1930.